

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 29 de Dezembro-1927

fixe

OSTIAS
MATOZIN

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

84



sempre
fixe semanário humorístico

Propriedade
RENAASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 45

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

FAZENDO A MALA



—O' tiosinho, olhe que se esquecia disto.
—Não me esqueci, não. Fica tu com ela. E' uma lembrança que te deixo.



Os ditos da semana



JUIZO DO ANO

José de Figueiredo

O novo ano, se não aparecer documento algum sobre os painéis, se á um ano de descadço e de gloria.

J. Ulrich

Mm ano como os mais. O Banco Ultramarino continuará a ser o dono das colonias e o sr. Cunha Leal La dona é mobile.

Julio Dantas

No ano que vem todos nos entenderemos admiravelmente, cessando rixas e quezilias. Deus é bom, mas o diabo também não é mau.

Cunha Leal

Arrependo-me de tudo quanto fiz no ano passado e vou praticar novos actos para ter de que me tornar a arrepender para o ano que vem.

Flomemo da Camara

Hei de sentir muito mais calor no ano novo do que senti no ano passado. E o peor é que, quando os outros ja estiverem no fresco, eu continuarei no quente. Mal como os homens...

Prata Dias

Sei que ha quem veja tudo negro. Eu, no emtanto, continuo a vêr tudo azul.

A. de Magalhães

O novo ano terá 365 dias. E' pena serem tão poucos para visitar todas as terras do paiz, ilhas adjacentes e colonias.

Carvalho da Silva

Inclino-me para que o ano novo virá a ser melhor do que o passado. E' uma questão de inclinação ou de inquilinato. Só me espanta de que se faça uma mudança d'ano sem trespasse.

Alfredo Leal

365 dias, são 52 semanas. 52 semanas são 52 numeros do jornal *Sintra Regional*, 52 numeros do *Sintra Regional* são 52 tareias no sr. José de Figueiredo.

Alberto Xavier

1928! Vejo tudo com côres muito carregadas, e já não tenho esperança nenhuma de vêr mais claro. Tudo negro.

O «Sempre Fixe», para se livrar da responsabilidade de fazer juizos temerarios acerca do juizo do ano que vem, resolveu rocorrer ao juizo alheio e ajuisadamente andou, mandando ouvir algumas individualidades da nossa terra, sobre o juizo do ano. Ouviu-se gente de todos os campos politicos e militares, de todas as classes sociais e de todas as graduações.

Cadá um dos nossos entrevistados, depois de ralar o juizo muito bem ralado, coou-o pelo passador do seu temperamento e dos seus interesses e fez a sua profeci

Elas ahi ficam :

José Eugenio Dias Ferreira Cauteleiro Fardado

Em 1928 encherei mais um baú. Não sei, porém, quando poderei despejal-o.

O ano novo, como o ano velho, não terá juizo nenhum. *Quod, est, est.*

Artur Portela e Norberto Lopes

Autores do «Crime (salvo seja) de Augusto Gomes»



O horroroso crime teve, no excelente livro de Norberto Lopes e Artur Portela, o mais agradável dos epilogos.

Se o «Sempre Fixe» fôsse o Tribunal da Relação, não hesitaria atenuar a pena aplicada a Augusto Gomes, só por este ter dado aos nossos queridos camaradas ensejo de «applicarem a pena»... maxima de brilhantismo, na execução de tão belas páginas.

Cunha e Costa

Em 365 dias podem-se fazer 365 defezas de 365 criminosos celebres. 365 defezas devem render pelo menos 365.000 contos, embora acaretem também 365.000 processos por difamação. O ano que vem deve ser bom.

Antonio Cabreira

O calendario perpetuo já sabia que este novo ano havia de chegar, mas mesmo assim sempre dá certo abalo vêr morrer o outro que também era nosso filho.

D. Manuel II

Mais um e nada.

Rocha Martins

Permitam os deuses que haja mais outra revolução. São mais 400 paginas de historia.

Manuel Ribeiro

Na planicie heroica do tempo, um ano a mais representa mais um passo para Deus e mais um Deus para a gente governar a vida.

Sinel de Cordes

O emprestimo far-se-ha no proximo ano.

Já o disse muitas vezes e sou capaz de manter esta opinião durante vinte anos ou mais.

Um vidraceiro

Deus queira que o ano de 1928 seja tão rendoso como foi o de 1927.

Felix Correia

O ano que vem ha-de ser notavel pelo grande numero de aventuras com artistas coreograficas. Se houver quem não acredite terá de se haver comigo.

Um moribundo

Mais vale um ano passado que dois que hão-de vir.

Um agiota

Um ano como os outros. Só os anos bissestos são dignos de nota, porque só eles tem mais um dia para se cobrar juros.

Fernando de Sousa

«Deus super omnia».

CANTIGA DO ANO BOM

Mote

O mil nove e vinte e oito vai ser um ano de truz!

Glosas

Um ano com alcavalas, decimas e contribuições, com taxas e com estampilhas e emolumentos fiscaes. Com licenças e relaxes e officiais de diligencias saindo fóra do coito co'os varios juro de móra. o Zé ha de abençoar o mil nove e vinte e oito...

O imposto de transacção, os processos e penhoras, mais as licenças da cam'ra. Se sacudires um tapete, és preso por ter um cão e tambem por não o ter... E diz o povo, coitado, a aguantar com esta cruz ao ver esta perspectiva:— Vai ser um ano de truz!

Esta cantiga p'r'o fado é mais velha do que um frade, tem versos de pé quebrado, não rimam mas... é verdade.

José Barbosa.



—Como me diz que ao segundo frasco estarei curado, venda-me ontão um segundo frasco.



A filha: — Papá, olha que estás enganado. Julgas que eu sou a mamã?



—O quê? Cinco francos por um calo como um olho de galo? —O senhor veja o preço porque está a criação...

Banana não tem caroço

Era dia de festa na aldeia de S. Berimbau.

O largo apinhado de povo apresentava o aspecto dos dias festivos. Mastros pintados de vermelho e ligados por festões de bucho ostentavam nos extremos uma diversidade de bandeiras, algumas de países desconhecidos. No primeiro plano, a abrir a avenida, dois mastros mais altos do que os seus colegas apresentavam, respectivamente, a *bandeira de melo* e o *Sá da Bandeira*.

Aqui e ali, espalhadas, vendeleiras de pevides e fava torrada. Um carro de bois suporta uma gorda pipa (genero sogra) atestada de vinho verde-branco, que os *berimbauenses* vão esgotando sófregamente. Vendeleiras de bolos reclamam os seus productos: os merongues *moscateis*, as argolas *encavacadas*, os pasteis de *pião*. Numa pequena barraca, um *ourives* oferece á clientela aneis de ouro, que empalidece quando é limpo com ponada. Noutra, um inventor de aparelhos praticos apresenta o seu ultimo invento—uma charrua minúscula para desbastar as unhas de luto...

O sol, em toda a sua pujança, despeja sobre o largo raios de fogo que abraza. Cães *desempregados* perseguem-se em cabriolas infantis. As moscas rodopiam em vãos idiotas.

De subito, todo aquele bru-á-á (que graça) se detem. Da porta da igreja sae a guarda avançada da procissão, rompendo a *filarmonica* com a *marcha hungara de Berliet!*

O cortejo dá a volta á aldeia, reconstruindo na igreja ao som dos foguetes e dos repiques dos sinos.

De novo a multidão ataca a pipa, que se desventra em verde.

E' uma hora da tarde.

Em casa do prior vai uma grande azáfama.

Num largo alguidar dormem quatro galinhas que, num mau sonho, perderam a cabeça...

Mais adiante, um leitão finge que está morto, para ver se não é comido, etc. Entretanto, os convidados do prior, reunidos na sala, tomam o aperitivo, constituído por um *bastardinho* velho do tempo da *Maria da Fonte Santa*.

E' chegada a hora de jantar.

O prior, *bom garfo* e *bom beijo*, preside na cabeceira da mesa aos destinos do banquete.

A' sua direita fica o regedor, que acumula essa função com a de proprietario da estalagem da terra, seguindo-se-lhe o professor, o boticario, o tabelião, o dono da *loja de modas*, etc.

O jantar decorre na mais franca alegria. Ha boas piadas que produzem gargalhadas estrondosas.

O regedor levanta comida como uma draga, acompanhando cada garfada com um copo que já foi esvaaziado 18 vezes! Chega-se ás frutas. O regedor nem pode falar. Bufo, assopra, geme. O suor escorre-lhe pela cara. O prior nota que ele está aflito, que entra de empalidecer, e diz-lhe ao ouvido, disfarçadamente: —Homem! Vá até lá dentro e meta um dedo á guela.

—Isso sim—responde o regedor.—Se me coubesse um dedo na guela, *ah! metia* uma bananinha!...

M. A. Caco Velho.



— Dizem que Deus dá o frio conforme a roupa, mas era bem melhor que desse a roupa conforme o frio.

CANTIGA DO NATAL

Mote

Nas botas, em *pequerrucos*, p'lo Natal, o meu filé era encontrar um cartucho, de bolos, na chaminé.

Glosas

Hoje, a festa da familia é p'ra quem tenha dinheiro, pois que a mim, só p'r'o casqueiro é o meu ganho. Que quizzilia!.. Uma cama, eis a mobilia, comer bem... isso é um luxo. Ah! Se eu fosse em tempos bruxo, nem sequer hoje era um gêbo, visto que daria cêbo nas botas, em *pequerrucos*...

Eu invejava os petis no largo de S. Domingos, de moncos rubros, quais pinges de lacre sobre uma luz. P'ra tal petisco de truz eu comer de fricassé, jogava e tinha tal fé que o fiz 'té mais diuna vez. Era, então, numa de t'és, p'lo Natal, o meu filé.

Quem tivesse duas c'róas nesse tempo f'zo ditoso, 'sp'rava o Natal auçoso p'ra comer as suas bróas. Não seguia atrás das lóas de investigador papelucho e, embora vazio o bucho, não manejava a escupeta e raro, numa valeta, era encontrar um cartucho...

Se quer's o povo risonho, é avivar-lhe a lembrança dos seus tempos de abastança que passaram como um sonho. Eu estou a vê-lo e suponho que p'ra estar contente o Zé é ter a bela *agua-pé* e encontrar, p'ra consoada, de bacalhau uma pratada, de bolos, na chaminé.

Jotabê.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 á Estolania



—Então, seu marido pede-lhe que raça economias?

—Sim, senhor, por isso eu lhe suprimi o tabaco.

BOM HUMOR

— Senhor Augusto! Porque razão a terra anda á volta do sol sem parar?

— Para não interromper a circulação...

* * *

— Que te parece este vinho do Luso?

— Do Luso?! Bem dizia eu que elle tinha um certo sabor d'agua...

* * *

O *chauffeur*, que parou o seu 50 H. P.— Pode-me dizer qual é a estrada para Sacavem?

O *pão*.— Não tem mais nada que seguir atrás de mim. Vou para lá!...

* * *

O *professor*.— Joãozinho, teus pais sabem que tu lumas?

— Não; quero fazer lhes uma surpresa...

* * *

Lição de anatomia:
— Quantas costelas tem você?
— Nunca as ponde contar. Sou muito gordo para isso...

* * *

— Olha, filho! Porta-te bem se queres ir para o céu e estar ali com Deus e os anjinhos...

— Ouve, mamã! E se me portar bem toda a semana, Deus deixa-me ir aos domingos para o inferno brincar com os anjos maus?...

* * *

Num *restaurant*:
O *freguês*.— O que se faz aqui a uma pessoa que come e não pagax?
O *crade*.— E' posto na rua ao pontapé e á bofetada.
O *freguês*.— Pois pode começar, que tenho pressa...



— Dois cabeleireiros vão á America fazer propaganda da ondulação electrica, mas no caminho morrem de inveja perante a ondulação automatica do mar.

A belica aventura de um amanuense

O sr. Antonio Paiva amanuensou durante quarenta anos nos Proprios Nacionais—quarenta anos votados ao culto dos seus deveres, tornados razão unica da sua existencia. Porque o sr. Antonio Paiva nada mais cultivou: sua vida jamais foi atravessada por uma mulher ou agitada por um acontecimento. A' margem de todas as emoções e sensações, nunca seus colegas o viram rir ou lhe observaram, em sua inexpressiva fisionomia, a mais fugaz ruga de preocupação. Excessivamente metódico, safo de sua casa á mesma hora e ia para a repartição no mesmo passo lento e fazendo sempre o mesmo percurso.

Derrubou-se a monarchia, implantou-se a republica, som que esse velho servidor do Estado desse, por qualquer frase ou attitude, a impressão de que tinha notado o reviramento brusco das instituições. Quando o chamaram para lhe dizer que ia ser reformado, apenas soube responder o sacramental «sim, sr. director geral»—e não mais voltou á repartição.

Foi o seu primeiro abalo, a sua primeira emoção e até ia sendo a sua primeira revolta, porque o sr. Paiva, sem o pretender, esteve um dia quasi para deitar abaixo o governo.

* * *

A's nove horas da noite, começaram juntando-se, na Rotunda, varios regimentos. Era a revolta que se iniciava. Para os lados de Alcantara, onde o governo se refugiava, convergiam as forças fieis que, na emergencia de algum ataque inesperado, á luz tétrica dos archotes— a iluminação da cidade desaparecera por encanto— abriam trincheiras, precipitadamente. O Rossio estava em plena efervescencia: bandos de manifestantes soltavam «morrax» ao governo e, junto da Brasileira, numa tribuna improvisada com mesas e cadeiras daquele *café*, oradores anónimos incitavam, numa linguagem energica, a multidão a defender, com toda a especie de armas, a liberdade ameaçada.

Por fim, surgiram na praça, vindos de S. Domingos, três *canhões* com espingardas. E, debaixo dum in-

tenso tiroteio—as forças revoltosas, vindas da Rotunda, atacavam uma columna do governo que ousara avançar até ao Chiado—centenas de revolucionarios armavam-se com febril rapidez e subiam, em magotes, a rua do Carmo.

Repentinamente, do alto da Graça, o canhão troou, dominador: duas baterias de artilharia, até ali indecisas, começaram a hostilizar o ministerio. Durante a noite, o combate prosseguiu, encarniçado. Os revoltosos multiplicavam os seus ataques, forçando a recuos successivos as forças fieis, desorientadas pela impetuosidade dos insurrectos, que surdiám, inopinadamente, de todos os lados.

Ao romper do dia, o tiroteio amotocera, singularmente. Que acontecera? Por entre os revoltosos corria, célere, o boato de que o governo, atacado de grande desanimo, convenido da inutilidade da sua resistencia, ia, para evitar maior effusão de sangue, solicitar a sua demissão ao Chefe do Estado.

* * *

O sr. Paiva ergueu-se do leito, coberto de suores frios e atacado dum grande pavor. Olhou á sua volta, estranhando a tranquillidade do quarto. Esteve ainda alguns minutos de respiração oppressa, tomado de grande angustia, esperando ouvir o ruído infernal das sedições. Mas da rua só lhe chegou a gritaria dos vendedores de jornais. Não havia duvida: sonhava—sonhava pela primeira vez, na sua vida!

A ideia de que se revoltara, mesmo em sonhos, causou-lhe um desgosto profundo, pois nem mesmo a circumstancia de ter acordado antes da rendição do governo foi sufficiente para socegar seus escrúpulos de amanuense reformado dos Proprios Nacionais. E por isso, ao contar a alguém esta historia, a sua unica historia, não deixa de fazer este amargo comentario:

—Se estou mais dez minutos a dormir, o governo tinha-se ido por agua abaixo. Olha do que eu me livre!...

Cristiano Lima.

DIZ-SE

que um revisteiro, depois de ter assistido a uma representação no Casino, de Paris, enviou para Lisboa o seguinte telegrama: «Suspendam ensaios. Tenho ideias novas».

— que a companhia que esteve no Foz não é boa nem má: escapa—á policia...

— que os autores do *Sete e meio* também fazem musica original... de varios...

— que o Alvaro de Andrade nos vai agora pregar uma peça ás risças...

— que o revisteiro Amadeu está convencido que vale...

— que a Rainha Santa do Eden transforma o pão em rosas... e péras... electricas...

— que o *Sete e meio* não é original de dois velhos e dois novos, mas de dois pequenos e dois grandes...

— que a revista *Sola ha o Rato* deveria chamar-se *O Rato da Montanha* ou *A Sombra do Rato*...

— que o maestro Ruy Coelho tem agora as mãos de cavaleiro irresistivel...

— que a bailarina Lea Niako passa a chamar-se «Lea... Nako... de fita».

— que uma ourivesaria da rua do Carmo faz dominó para os dois lados...

— que, por isso mesmo, decorou as suas montras, uma, com verde e vermelho, outra com azul e branco...

— que o actor Alves da Cunha, numa revista de Carnaval, fará—pasmem, oh gentes!—de preto...

— que muita gente se empenhou em levar o Almeida Cruz ao Calvário...

— que o numero *Sombra da Noite*, da revista do teatro Joaquim de Almeida, ainda vai dar que falar.



—Eu gostava de andar como você, sempre de mãos nas algibeiras.

—E' muito facil. Meta-as primeiro nas algibeiras dos outros...

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanhaes, 84. 1.º D. Lisboa



Humorismo no estrangeiro



— Não seria melhor que a pequena reparasse as meias, visto que tem melhor vista?

— A pequena está renassando a lenda integral!



—Se lhe pedi uma pastilha de aspirina, par., que me dá o senhor um tubo?

—Porque julguei que lhe doia a cabeça tal!



—E em que te fundas para dizer que o Alberto se vai declarar?

— Em pequenas coisas. Ontem, por exemplo, confesso-me que não tem quarto...



—Assim é que tu eras partidario do boz?

—Não. Eu julgo que o homem deve servir para alguma coisa mais do que ganhar a vida aos burros...

Cine-Fixe

Matinée das quintas-feiras

O sensacional motivo da fita que hoje é corrida tem o título sugestivo: **A BATOTA PROIBIDA.**

A uma esquina jogavam dois batoteiros de raça e nos num'ros apostavam dos automoveis de peça.

- Jogo de tóca, no par, uma c'róa.
- Está jogada.
- Amigo, estás com azar... perdeste...
- Dobro a parada!
- Agora um outro contraste com gente a passar.
- Combinado.
- Jogo no 11...
- Ganhaste!
- Não vês quem passa?
- Coitado!...
- Jogo no zero.
- Que graça!
- Mas que espanto! Eu não sou péco, se ganhei: não vês quem passa?
- E' uma cifra... um papo-sécol...

E assim, no jogo d'azar, p'ra quem seja vicioso, é capaz de ir apostar na cabeça dum tihoso...

«A 2.ª parte segue imediatamente.»

Este é um film de viagem: «Partiram para os Açores porque lhes deu uma aragem, e os aqueles senhores»...

«A 3.ª parte segue imediatamente»

Natal! O frio líru tornou-se agora mais morno, e o Zé, em vez de um perú, saboreia, a olhar, um... forno.

Como simb'lo dos credores, aparece o Retintin... Boas noites, meus senhores.

FIM

Reporter B.



—Como se chama?
—José Barbosa.
—Tenho muita pena, mas o meu pai não quer que eu namore Barbozas...

A MIMI DA ESTEFANIA e uma escola de pintura portugueza

A Mimi era uma linda rapariga do bairro Estefania que andava pelos clubs e que antontecia os rapazes que, quasi, formavam em bicha para poder dançar com ela um fox-trot ou um shimy. O Joaquim Penteadado, que era caixeiro numa loja de sola na rua dos Fanqueiros, escreveu-lhe uma missiva, a chamar-lhe astro divino e felicidade eterna. O Antonio Soares, que andava a pintar letreiros pelas leitarias que iam abrindo, pela Baixa, vestiu um dia o seu fato dominigueiro á papo séco e, numa noite de festa do Club dos Três Cantinhos, despediu-lhe esta declaração:

«Minha senhora: A sua tez é impecavel como o grão de trigo que aviventa a nossa rude existencia, as suas mãos nas carnuadas são o pómo apeteçido pelos gulosos do deal.»

E, como este, tantos madrigais! A Mimi contava tudo á mamã, estarecida e vaidosa do «amor de filha» que lhe dera o seu marido que Deus tinha.

A Mimi casou por fim com um alferes do secretariado militar, chamado Manoel Cidade, que era cambaio e metia os olhos um pelo outro. Foi uma cerimonia tocante. A noiva levava um vestido verde alface, com applicações amarelas e botões róxo. Pelo caminho, quando o trem luxuoso atravessava pesadamente as ruas, havia remoques e ditos chistosas. O official do registo civil fez uma preclenda entusiastica, desejando aos nupentes uma felicidade perene, repassada de mil venturas.

Em casa da mãe do noivo teve lugar o copo de agua. Era curiosa a assistencia: o visinho cangalheiro, que tratara do funeral do pai da noiva, o droguista que vendera o pó de arroz para a menina pôr no dia de nupcias, o policia que prendera, ha

poucos dias, um irmão da mãe da no'va, que fóra encontrado a cortar com um diamante o vidro da montra duma ourivesaria e que se tinha calado por se tratar duma familia respeitavel, o livreiro, ainda aparentado, que custeara a edição dum livro com a complicação dos sonhos, de que era autor um irm' da Mimi, que tinha sido eleito deputado nas ultimas eleições.

Não podia ser mais completa nem mais luzida a comitiva do casorio! Varridas as sandwiches dos pratos a abarrotar, esvaziadas algumas garrafas de Colares Ramisco, iniciaram-se os brindes. «Nesta festa afrodisiaca», disse o livreiro; «nesta camara ardente do amor rubro», disse o cangalheiro; « neste auto de corpo de delicto, em que os impugnados representam a prova legal», disse o policia; «nesta perfumada função em que os affectos são a quinta essencia...», disse o droguista.

Foi um nunca acabar. Terminou a festa e os convivas saíram satisfeitos. A Mimi teve um néné dahi a dois meses e o marido foi convidado por uma academia scientifica a escrever a *Historia do amor nos bairros de Lisboa*. Tiraram-se fotografias e quando, passados alguns anos, num arquivo elas foram encontradas, juntamente com algumas cartas do publicista Manoel Cidade, não deixou de haver quem visse nestas reminescencias a prova da existencia de uma escola de pintura portugueza no primeiro quartel do século XX.

Na margem duma das taboletas, um comentador escrevera: «Triptico para ser colocado na sala de visitas do futuro edificio para alienados da arte—(a) Nuno Gonçalves, pintor de taboletas».

N. de B.

Noite de consoada



—São horas de almoçar. Toca a apertar mais um furo ao cinto.

Elevador da Gloria

A historia tem dois dias. E' da lotaria passada. Quatro mil e quinhentos contos, que podem transformar qualquer de nós numa potencia financeira, com capacidade para fazer estremecer os cambios, sobretudo quando andam baixos.

Como sabem, ou se não sabem ficam sabendo, o verdadeiro jornalista levanta-se tarde. Por varias razões: a mais grave pertence a Morfeu, deus equívoco que protege o amor e os sonhos da fortuna a curto prazo, caso a vítima se tenha habilitado com um quadragesimo da Santa Casa. Foi, pois, de olho ainda estremunhado, que me lancei num carro do Poço do Bispo-Terreiro do Paço. Era uma hora. Nesse momento, as esferas da Misericordia iniciaram o seu trabalho. O meu companheiro do lado monologava cifras; o do banco da frente verificava o conteúdo da carteira: meio bilhete e duas cautelas de penhores. Sem elas, aquele meio bilhete nunca teria existido... Atrás de mim, dois vendedores de jornais, fumando benta e meia, apertavam. Um era pela casa dos 2, outro pela dos 4. Como bons sindicalistas, pertenciam á casa dos 24.

Estes emoções trepidantes foram momentaneamente varridas pelo condutor. Tirou todos os bilhetes enquanto o diabo esfrega um olho e com cara de não ter amigos. Como o passageiro portador das cautelas quisesse receber o trôco, trocou por miudos a sua indignação:

—Safal! Que raio de vida. Não deixam um homem conduzir-se á vontade. Houve uma carroça, houve um burro, houve um policia, houve um choque de automoveis, e o electrico chegou ao Terreiro do Paço uma hora depois, como os chefes de Governo sem ministros nem partido. Famos na curva, quando um garoto assoprado, vermelho, sobraçando um masso de folhas, saltou para o estribo, gritando:

—A lista! Cá está a lista! Não se pode calcular o indisciplinavel. O carro parou. Mangas de alpaca abandonaram os ministerios. Notou-se mesmo a comparencia de algumas gavotas e dum ruido profissional.

Quem comprou a primeira lista foi o condutor do electrico. Agarrou no papel violentamente. Empalideceu. Uma alegria de doido brilhou no seu olhar.

—Estou rico! Estou milionario! Até que enfim saiu-me a grande! Tenho o 7388!

Acto continuo, arremessou a mala ao chão, lembrou-se de que Bocage tambem era gente e teve um gesto apoteótico.

S. Francisco, em presença daquela imitação, morreria de raiva. O Sindicato de Santo Amaro devia ter estremecido.

—Não quero ser mais condutor! Outro... Outro... que eu já estou.

E estava! Cinco minutos depois de o carro ter seguido para o Rossio, o condutor, quando era levado em triunfo, ás costas de numerosos e instantaneos amigos, constava que se tinha enganado. Não tinha o 7388, mas o 7383... Por um numero perdera o lugar. Santo Amaro não lhe perdoou o gesto de S. Francisco. Na mesma noite era despedido.



O petiz (ao pretendente á irmã).
—Oiga lá, o senhor é um peixe.
O pretendente.—Eu? Porquê?
O petiz.—Porque a mamã diz que o senhor cairá no anzol...

Como se apanha uma... "taluda"

Procopio teve sempre a mania, aliás inofensiva, de que um dia apanharia a sorte grande. Mas, apesar de, já ha muitos anos, jogar em todas as lotarias, no mesmo numero, ainda não lhe saiu nada...

Na quinta-feira passada, dia da taluda, Procopio, mais, entusiasmado do que nunca, dirigira-se, á hora da extracção do bolo fatal, a uma taberna de ginginha, proxima da Santa Casa da Misericordia, para assim sabor mais cedo os numeros premiados. E, enquanto esperava e para matar o tempo, ia boberriando sucessivas ginginhas e eduardinhos que, em lugar de o acalmarem, o puzeram num estado horrivel de embriaguês.

De repente—já a bebodeira o tinha feito esquecer o objectivo da vinda áqueles sitios—ouviu os cauteleiros apregoando o Touro. Caindo em si, Procopio correu logo a comprá-lo.

Ao lê-lo, Procopio apanhou uma valente comoção que o fez vêr as estrêlas... do Paraizo. Até que enfim! Saíra-lhe a sorte grande!...

A correr, dirigiu-se para casa, a fim de dar á mulher a grande noticia, a ela que era tão descrente sempre...

Na escada, Procopio gritava já: —Saiu-me a sorte grande! Estamos ricos!...

A mulher, com um gesto energico, tirou-lhe o Touro das mãos e, depois de o percorrer todo, exclama cheia de indignação:

—Sempre o mesmo idiota!...

E, metendo-lhe a lista pelos olhos dentro, disse-lhe:

—Quero que tu me digas como é que te saiu a sorte grande? Foi o 1111 o numero premiado e tu tens o 11!

E Procopio, lamuriendo, desolado, responde:

—Mas como li eu isso então? Eu li tão bem!...

Sim, Procopio lêra 1111, mas não tomara conta que, estando embriagado, como todos os bêbedos, via tudo em duplicado...

Elmano de Lage.



—Compre-ta bem grande para que
—Comprei-ta bem grande para que
e caibam os teus três vestidos.



—Não é nada. Uma luxação num braço.
—Então o dr. julga que eu possa vir a tocar piano?
—Pois é claro que sim.
—E' maravilhoso! E eu que nunca fui capaz de o aprender.

Um bom cão

E' já tão habitual, ao contar-se uma historia, garantir-se que é verídica, que poucas ou nenhuma pessoa acreditarão que esta o seja...
E, no entanto, poucas vezes na minha vida terei sido tão verdadei-



ro como agora! (Pecado confessado...) Vamos, pois, á historia.

Certo devoto de Santo Huberto—daqueles que são capazes de correr montes e vales em perseguição duma perdiz imaginaria—seguia certo dia numa carruagem de 3.ª, espingarda a tiracolo, farnel no bernal, em demanda do campo onde se ia deliciar com os prazeres da caça. Não tendo cão que o acompanhasse nas lides venatorias, seguia só o nosso caçador. Breve, porém, travava relações com outros caçadores que na mesma seguia, entre os quais ia um que se fazia acompanhar dum belo perdigueiro, formosissima estampa, que logo atraiu a atenção e a cubicia do nosso homem.

—Que lindo bicho que o senhor tem! —exclamou, não se polendo



conter á vista de tão precioso animal.

—Na verdade—retorquiu-lhe o dono—é uma joia! E o que eu queria é que o senhor o visse caçar!

Ao ouvir estas palavras, o nosso heroi acabou por ficar absolutamente apaixonado pelo cão—pode-se lá viver sem ter amado alguem!...

A conversa continuou animada, sendo sempre o perdigueiro o assunto debatido.

A certa altura, após o dono do cão ter afirmado que lhe custaria muito desfazer-e dele, o outro caçador propôs comprar-lho por uma elevada quantia.

Afirmando não o vender, o dono repetiu a frase:

—O que eu queria é que o senhor o visse caçar!...

Excitado ao maximo o interesse do pretendente pelo cão, inquiriu do companheiro de viagem qual a estação onde se apeava, porque gostaria de o acompanhar, a fim de se deliciar com o trabalho do cão.

—Vou para o Algueirão—respondeu o caçador.

—Pois eu, tornou-lhe o outro—tencionava ficar por Belas, mas acompanh-o só para apreciar o animal.

Resolv'os, pois, a caçar juntos, apearam-se no Algueirão os dois amigos de fresca data.

Mais uma pequena caminhada a pé



e começou o trabalho em busca da almejada caça.

Pelo caminho, o dono do cão não se fartava de desejar que o companheiro visse o seu perdigueiro caçar. Ao contrario, porém, do que se poderia deduzir destas palavras, o animal corria pelo campo como um doído, espantando a caça e espantando o seu admirador que, ao fim de varias tentativas para conter o cão, não se conteve que não dissesse ao companheiro:

—Mas, afinal, o senhor tanto queria que eu visse o seu cão caçar, e ele, pelo que estou vendo, não caça nada!

—Pois por isso mesmo,—respondeu imperturbavel o outro caçador—eu disse que queria que o senhor o visse caçar! Se o senhor visse isso era sinal de que ele conseguia, finalmente, caçar alguma coisa!...

Anibal Nazaré.



Nem ao meu maior inimigo rogaria uma praga que se parecesse com a praga de films que nos assaltaram nestas semanas p. p.

O Tivoli teve estrêlas boas, mas podia ter tido melhor estrêla, ha quinze dias. O Cavaleiro da Rosa não é um guita de cavalaria que catrapisca uma sopeira rosácea, mas um cavalheiro que o Ricardo Strauss arranjou para servir de pesadão-pasatempo aos tenores de opera... e ao Jaque Catelain, por obra e desgraça do Robert Wiene, o celeberrissimo encenador do Caligari... o pequeno. A meio da exhibição, o Nicolino tocava a touros, a D. Arminda Polonio cantarolava «As Rosas» em surdina, para a frisa do lado, enquanto a plateia entoava, orfeonicamente, a «Rosa Tirana», para embalar o sono do primeiro balcão. Não ha rosas sem espinhos, nem cavaleiros sem cavalgaduras. O Catelainzinho deu uma desilusão aos catelainófilos, pois, vestido de mulher, é um estafermo. Que pena! Ele, que é tam bonito de calças!...

Já não ha cinéfilo que não saiba de cór, com alguns erros de ortografia, Os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Lá os vimos todos, numa ordem rebelde, surgindo no rectangulo sob a fórma de luminarias, em mau português, para o Moisés perceber. Nunca mais ninguém se esquece que é preciso «guardar castidade», «honrar papai e mamãe», «guardar domingos e dias feriados, incluindo o 18 de Abril» e «respeitar a mulher do proximo» (hilaridade). Uma lição destas, trinta e dois capitulos do Exodo, o Rod La Rocque a pecar de empreitada, a Edith Chapman a devorar a Biblia como grão coriáceo, tudo isto em catorze partes e por 8850 é barato...

Todos sabem que os homens não são de pau; mas não sabia que eram de aço. Fiemos-nos no Odéon. Repete-se a historia do João Ratão: um dos personagens fica fundido e assado no caldeirão. Fundido por fundido, Mais vale casar, como o fizeram a Marguerite de La Motte e o Conrad Nagel. Que o diga o fantasma do Lewis Stone, vitima da caldeirada com a Paulette Duval.

No Politeama tambem tivemos Huguette e Marguerite. O Homem da Hispano destinava-se a facilitar a digestão do Az do foot-ball, que não me consta ter sido seleccionado para o team nacional. O «Hispano-Suiza» é dos bons. O galá é que está a pedir taxímetro. O menino Galli não chega a Frangui (signé J. B. C.). A moral do Hispano é que está empantada;—mas lá diz o ditado: Chakatouny governa-se...

Lá estivemos a velar O Morto-Vivo, um sujeito que não estava morto nem vivo, antes pelo contrario. Dois papeis distintos e um só actor verdadeiro... e distinto: no financeiro temos William de rabo alçado; no oratório Tattorly, temos William de Mong... caído. A fita é das boas e leva tudo ás boas, exceptuando o duelo á brocha, em que o John Bowers defende a integridade dos trajos menores da Marguerite de La Motte; bem diz a quadra popular:

«Não ha mulher sem marido nem Motte sem side-car...»

Cecil de Mille pretendeu demonstrar com As duas vidas que sobre nós se reflectem as acções dos nossos antepassados. Transfusão de almas, teosofia, hipermnésia, paramnésia... Para quê, tantos palavrões difíceis? Toda a doutrina da fita se resume num couplet: C'est la faute à mon grand-père... E, nesta semana, ha Fogo, para vêr se enchem a casa com bombeiros voluntarios.

No Olimpia reexibiu-se B'aucaire, o quilométrico, e Paraizo Proibido, que o programa classificou no género livre, talvez porque o Embaixador Francês é o dr. Julio Dantas, por uma pena.

Não terminaremos sem dizer que são um primor de português, de tipografia e de fotogenia as novas legendas indisponaveis, como tudo o que se dispensa, da Inspecção Gioral dos Tatro.

Retardador.



O que se diz e o que se não deve dizer...

"Boxeurs" . . . de pedra e Cal. . .

Os últimos desafios do torneio do Natal foram a sequencia logica dos primeiros.

E, assim, após termos visto aquele extraordinario match em que o *Victoria* bateu o *Curcavelinhos* por sete a zero—foi-nos dado assistir á fantasmagorica derrota do mesmo *Victoria* por oito a um!!!

Houve engano de epoca.

O torneio de Natal foi um autentico torneio de Carnaval.

* * *

O *Sport de Lisboa* tem—de novo—um novo director: Cosme Damião.

No artigo de fundo em que esta sensacional resolução foi levada ao conhecimento do grande publico, se diz que:

«Não é Cosme Damião uma figura cujas qualidades de desportista tenham que ser postas em relevo para justificar o direito indiscutivel que lhe assiste em exercer com propriedade o posto de comando em que agora é investido.»

Quanto á parte primeira—estamos de acôrdo. Quanto á segunda—há um pormenor que nos espanta.

«...o posto de comando em que agora é investido.»

Investido por quem? Sendo Cosme o proprietario do jornal, parece-nos mais logico dizer-se que se investiu...

O autor do desnecessario artigo de apresentação de Cosme escreveu ainda:

«Os anos que á vida desportiva tem dedicado contam-se quasi pela sua idade, deduzido, é claro, o periodo da adolescencia.»

Chama-se a isto:—rigor historico. Mais rigor do que isto, só assim:—deduzido, é claro, o periodo da adolescencia, as horas de sono e os meses da gestação.

O nunca assás celebrado boxeador Cruz Coelho acaba de expôr os resultados obtidos na *Sala Lérda*, fazendo-se bater em Londres, em dois rounds, pelo veterano Stanley.

Os cronistas ingleses relatam, espantados, o originalissimo final do match:

Após ter ido ao chão, varias vezes, o rapazinho da Moita dirigiu-se para o seu canto, declarando desistir —e chorando como uma Madalena!

As misses britannicas, que esperavam que o *Coelho* á portuguesa fosse prato comestivel, declaram-se unani-

memente enjoadas com o mólho de lagrimas.

E agora, nem o *Camarão* nos salva...

* * *

O certo é que, a respeito de pugilismo e de pugilistas, estamos a dar as ultimas...

E não se pode dizer que a culpa tenha sido dos *managers*.

O primeiro *manager* do *Camarão* foi o Alexandre Cal.

O do *Coelho*, dizem que tem sido ou foi: canteiro.

E com tais *managers*, os nossos bo-

xeurs tinham a obrigação de ser:—de pedra e cal...

* * *

A scena passa-se no Café Martinho, ás duas e meia da tarde.

O *agente do «Amador Club»*:—Posso negociar nestas bases:—cedem-nos um *half-back* centro e nós damos, em troca, um *interior direito* e um *extremo direito*.

O *comissionista do «Imperial»*:—Isso tambem eu queria! Então damos a chave dum *team* e recebiamos só dois dianteiros...

O *agente do «Amador Club»*:—Dois dianteiros? Mas é uma aza completa!

O *comissionista do «Imperial»*:—Mas sem o *half-back* é uma aza sem osso.

O *agente do «Amador Club»*:—Acredita que ficamos a perder. O *meia direita* está-nos por seis contos e um *Jean Gras*. Pelo *ponta* já nos ofereceram um *back* e seis arbitragens favoraveis.

O *comissionista do «Imperial»*:—Pois sim... Mas o nosso *center-half*, com viagens, pensão, ordenado, treinos e *sandwiches*, anda pelos quarenta contos.

«O melhor é fazermos a conta. O *meia direita*: seis contos, mais vinte e dois do *Jean Gras*. O *ponta* vale um *back*, que está um pouco depreciado pela abundancia, ou sejam cinco contos, e mais seis arbitragens a trezentos mil réis: um conto e oitocentos. Soma tudo 34.800 escudos. Fica um saldo a nosso favor de cinco contos e duzentos...

O *agente do «Amador Club»*:—E' puxadote...

O *comissionista do «Imperial»*:—Não é tall! Do resto, vocês podem pagar cincoenta por cento á vista e o restante por letra a sessenta dias. E nós damos-lho de brinde duas duzias de balões do *Grandela* para o *team* infantil...

Rebola-A-Bola.

Preparativos



Achamos mais pratico no dia da partida substituir o Roquete por este cêsto.

O ARBITRO DE FOOT-BALL

(Duma revista desportiva a subir proximamente á scena, original de Carlos Conde, F. Brito e Silva Ramos)

Eu não desejo a ninguem esta sina de arbitrar, pois proventos alguns tem e passo a vida. . . a apitar. . .

Para não ficar incurso nas leis do povo embusteiro, não faço figura de urso; vou antes tirar o curso de policia sinaieirs.

Refrain

—Apita, aldrabão!
que aquilo foi «mão»,
e não marcas nem protestas!
E dizem das bancadas
as almas bem formadas:
—«Não foi, não senhor!»
E vá lá ser prior
numa freguesia destas!

Por causa duma jogada onde eu entrol de permeio apanhei tanta lambada que andei cego, mê; e meio.

Doutra vez, num desafio que por má sina arbitrei levei tareias a fio. O apito—esse—enxulí-o. . . e nuuca mais o achel. . .

ESTRANGEIROFILOS

— Olha, Micas, estes bichos são estrangeiros.
— Como sabes tu isso? Já os ouviste alguma vez falar?



— Tem tabaco estrangeiro?
— Tenho.
— Então dê cá uma onça de tabaco francez ..



— Aquele velhote que ali está com cara de palhaço anda a fazer-me a côrte.
— Oh! filha, e eu que precisava tanto de quinhentos palhaços...



— Como se chamam aquelas mulheres?
— Amazonas.
— Ah! Por isso quando na escola eu ando a cavalo nos rapazes, me chamam «machona».



— Você o que lhe falta é linha.
— Linha tenho eu; o que me falta é... uma máquina de costura.



— Poderei ter o prazer de acompanhar Vossa Excelência a casa?
— Só se fôr de taxi.